

AFASTAMENTO DISCENTE E INTERSECCIONALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

STUDENT DISENGAGEMENT AND INTERSECTIONALITY IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

ALTERNANCIA ESTUDANTIL E INTERSECCIONALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Jonas Henrique Bezerra da Silva¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE

Nilson Vieira Pinto²

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE

Resumo

Este estudo tem por objetivo realizar uma análise crítica da produção científica que aborda o afastamento discente nas aulas de Educação Física escolar, considerando as contribuições teóricas e empíricas relacionadas às interseccionalidades. Trata-se de um ensaio teórico de cunho crítico-reflexivo sistematizado em três sessões: 1. Afastamento discente nas aulas de Educação Física escolar; 2. Interseccionalidades na Educação e na Educação Física; 3. A relação entre o afastamento discente e as interseccionalidades na Educação Física escolar. Os resultados evidenciam a multiplicidade de razões para o fenômeno do afastamento discente, as dinâmicas crítico-analíticas das relações interseccionais dentro do contexto escolar e os prelúdios científicos entre essas categorias na Educação Física escolar, entoando reflexões que possam incentivar pesquisas e práticas voltadas para uma Educação Física mais democrática, plural e sensível às interseccionalidades presentes no contexto escolar.

Palavras-chave: Educação Física; Interseccionalidade; Afastamento Discente; Diversidade.

Abstract

This study aims to critically analyze scientific research addressing student disengagement in school physical education classes, considering theoretical and empirical contributions related to intersectionality. The critical-reflective theoretical essay is organized into three sections: 1. Student disengagement in school physical education classes; 2. Intersectionalities in education and physical education; 3. The relationship between student disengagement and intersectionalities in school physical education. The results highlight the multitude of reasons for student dropout, the critical-analytical dynamics of intersectional relationships within the school context, and the connections between these

¹ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação Física (ProEF/IFCE). Bolsista de pesquisa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Brasil. Fortaleza, Ceará, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5475769156842289>. E-mail: jonashenriqueef@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-7256-4695>.

² Pós-doutor em Saúde Coletiva. Graduado em Educação Física. Docente permanente dos Programas de Pós-graduação em Educação Física (ProEF/IFCE), Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/IFCE) e do Doutorado em Ensino (RENOEN/IFCE), Fortaleza, Ceará, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7563886945450680>. E-mail: nilsonvieira@ifce.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6548-8586>.

categories in school physical education. This information may encourage research and practices that promote a more democratic and pluralistic physical education sensitive to the intersectionalities present in the school context.

Keywords: Physical Education; Intersectionality; Student Disengagement; Diversity.

Resumen

El objetivo de este estudio es realizar un análisis crítico de la producción científica que aborda el abandono escolar en las clases de Educación Física, teniendo en cuenta las contribuciones teóricas y empíricas relacionadas con las interseccionalidades. Se trata de un ensayo teórico de carácter crítico-reflexivo sistematizado en tres sesiones: 1. Alejamiento de los alumnos en las clases de Educación Física escolar; 2. Interseccionalidades en la Educación y en la Educación Física; 3. La relación entre el alejamiento de los alumnos y las interseccionalidades en la Educación Física escolar. Los resultados ponen de manifiesto la multiplicidad de razones que explican el fenómeno del abandono escolar, las dinámicas crítico-analíticas de las relaciones interseccionales en el contexto escolar y los preludios científicos entre estas categorías en la educación física escolar, entonando reflexiones que puedan incentivar investigaciones y prácticas orientadas a una educación física más democrática, plural y sensible a las interseccionalidades presentes en el contexto escolar.

Palabras claves: Educación física; Interseccionalidad; Abandono escolar; Diversidad.

INTRODUÇÃO

A Educação Física no Brasil, principalmente no âmbito escolar, tem enfrentado inúmeros desafios para consolidar sua efetiva importância como um componente curricular legítimo e fundamental. Essa percepção, que a coloca como secundária ou complementar a outras disciplinas, a reduz epistemologicamente, desconsiderando seu potencial como espaço de construção de conhecimento sistematizado e a posicionando em um status de irrelevância.

A temática do afastamento discente nas aulas de Educação Física escolar emerge suas discussões a partir de Darido (2004), ao refletir sobre o progressivo afastamento dos alunos e das alunas com o avanço da idade e a escolaridade, culminando em um alto índice de desmotivação pedagógica nas aulas de Educação Física do Ensino Médio.

Nesse contexto, alguns estudos têm buscado compreender as razões deste afastamento nas aulas de Educação Física. Entre as possíveis justificativas cita-se um modelo tradicional de ensino (Tenório; Silva, 2015) e a falta de diversidade temática nas aulas (Araújo; Melo; Rizzo, 2019; Darido; González; Ginciene, 2020; Bellúcio et al., 2021). Outros estudos têm justificado pelo insucesso e exclusão dos/das estudantes das aulas, ao marginalizar os menos habilitados (Tenório; Silva, 2015; Oliveira; Daolio, 2014), fomentar as opressões de gênero e sexualidade (Jaco, 2012; Oliveira; Daolio, 2014; Rochael, 2020; Souza, 2024) e demais estereótipos, preconceitos e desigualdades de oportunidades (Oliveira; Daolio, 2014; Rochael, 2020; Souza, 2024).



Frente a essa multiplicidade de razões, identifica-se uma maior direcionalidade argumentativa as relações socioculturais, embora que analisadas de maneira isolada. Historicamente, escutamos nas aulas de Educação Física que existem os esportes de meninos e de meninas, que os menos habilidosos ou obesos não são escolhidos para compor o time ou que o menino negro tem *cara* de jogador de futebol. Essa perspectiva se modifica se for um menino negro e obeso ou uma menina trans com uma excelente habilidade esportiva?

Diante do exposto, este ensaio teórico tem como objetivo realizar uma análise crítica da produção científica que aborda o afastamento discente nas aulas de Educação Física escolar, considerando as contribuições teóricas e empíricas relacionadas às interseccionalidades.

METODOLOGIA

Trata-se de um ensaio teórico, fundamentado em uma abordagem qualitativa, de cunho crítico-reflexivo. O ensaio teórico, enquanto modalidade de produção acadêmica, permite que o movimento interpretativo e argumentativo, favoreça a problematização de discursos cristalizados, a ressignificação de práticas e a proposição de novos olhares sobre a realidade educacional.

Nesse sentido, busca-se nessa produção textual, revisar aportes teóricos e propor novas reflexões a partir do diálogo com autores que discutem a problemática do afastamento discente nas aulas de Educação Física sob uma perspectiva da interseccionalidade. Assim, não se trata de uma revisão sistemática ou integrativa, mas de uma elaboração argumentativa que visa articular criticamente diferentes contribuições teóricas e empíricas para a construção de uma compreensão ampliada do fenômeno analisado.

Nesse constructo textual, crítico e discursivo, foram mobilizados textos acadêmicos publicados em livros, artigos científicos e dissertações, selecionadas por sua relevância teórica e contribuição crítica aos campos da Educação, Educação Física escolar e estudos interseccionais. Foram priorizados autores e autoras que dialogam com as perspectivas críticas da Educação Física e com os referenciais da interseccionalidade.

A produção textual apresenta a sua gênese a partir do entrecruzamento desses referenciais, articulando-os de forma reflexiva e propositiva, não tendo por objetivo esgotar a temática, mas tencioná-la criticamente, apontando caminhos teóricos para pensar os processos de afastamento discente nas aulas de Educação Física a partir de uma lente



interseccional, que considera os múltiplos marcadores sociais que atravessam o corpo e as experiências escolares.

Conforme a Resolução 510/2016/CNS, Artigo 1o. Parágrafo único, Inciso VI, por se tratar de um ensaio teórico, essa produção textual não foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa.

AFASTAMENTO DISCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

No cenário educacional brasileiro, a disciplina de Educação Física, enquanto componente curricular, sempre enfrentou inúmeros desafios para afirmar a sua devida importância. Esse reconhecimento perpassa por muitos atores da comunidade escolar que expressam, em sua forma de pensar, uma menor relação epistemológica desta em relação as outras disciplinas.

Desta forma, a disciplina de Educação Física ainda é tratada como um componente curricular secundário ou complementar. Ao não compreender e/ou reconhecer o seu significado torna a sua participação eletiva, sem sentido aparente ou mesmo desinteressante diante da diversidade constituinte da/na escola.

Nesse sentido, enxergar a Educação Física escolar enquanto componente curricular é permitir que os alunos e as alunas possam compreender de forma genuína as temáticas corporais que constroem e transformam uma sociedade, tornando-os/as protagonistas de suas histórias e assumindo um papel de representatividade na sociedade.

O afastamento discente das aulas de Educação Física e conseqüentemente, dos conhecimentos compartilhados por este componente curricular, pode acarretar uma série de lacunas e desconexões aos diversos significados inerentes a sua realidade socioeducativa. Ademais, há de se atentar que essa construção de conhecimento e o entendimento de sua identidade como cidadão ativo em uma sociedade, compartilha responsabilidades com a escola e com todos os demais componentes curriculares, como relatam Bagnara e Boscatto (2022, p. 02):

Nesse contexto, os professores de EF são desafiados a explicitar e organizar o currículo escolar considerando os “princípios” da complexidade (estruturação progressiva), da criticidade, da profundidade e da diversidade dos conteúdos ligados à cultura corporal de movimento ao longo dos anos escolares, potencializando, neste viés, processos educativos que primam pela produção de conhecimentos. Para contribuir com esta tarefa, temos trabalhado com a ideia de que as aulas de EF podem ser desenvolvidas com base na perspectiva multidimensional dos conhecimentos.



Desta forma, refletir sobre a temática do afastamento discente nas aulas de Educação Física escolar é de suma importância para que o professor possa compreender os reais motivos deste distanciamento e tentar reconectar seus alunos e alunas às multidimensionalidades formativas que permeiam essa disciplina na escola.

Nascimento (2020) contribui com essa reflexão destacando que o afastamento discente das aulas de Educação Física se torna mais perceptível à medida que os alunos vão avançando em sua vida escolar, tendo seu início mais evidente nos anos finais do ensino fundamental, atingindo o seu estágio crítico no ensino médio, caracterizado pela recusa da participação nas aulas, principalmente das práticas corporais.

Conforme Darido; González; Ginciene (2020, p.108) os fatores relacionados a esse fenômeno no contexto escolar são múltiplos “[...] em especial, no que se refere à forma como o componente é desenvolvido: a) a repetição dos conteúdos tratados ao longo da Educação Básica; e b) o insucesso e exclusão de uma parte importante dos estudantes das aulas”.

Corroborando com esses fatores anteriormente citados, Tenório e Silva (2015) pontuam que o aluno pode se recusar a participar das aulas quando está saturado de temáticas repetitivas ou restrita a prática de esportes.

Araújo; Melo e Rizzo, (2019), comentam que quando os alunos e as alunas se *autoexcluem* das aulas de EF podem estar se protegendo de situações desagradáveis, podendo estar associada as pluralidades das relações sociais entre os atores presentes.

Ao findar este estudo é possível afirmar que a autoexclusão é um fenômeno existente na Educação Física escolar. Os alunos motivados (ou desmotivados) por aulas repetitivas, desprazer em práticas esportivas isoladas e mecanizadas, desigualdade de gênero, exclusão dos menos hábeis utilizam de desculpas como “estou com cólicas”, “tenho gripe” para não realizarem as atividades práticas propostas e os professores pouco fazem para mudar essa situação (Araújo; Melo; Rizzo, 2019, p. 13).

Ao exemplificarmos que a inabilidade motora pode contribuir para o afastamento discente nas aulas de EF, evidenciamos um provável ensino hiperbólico dos esportes vinculado ao destaque dos alunos e das alunas que expressarem a melhor técnica, conseqüentemente, no distanciamento daqueles que não conseguem essa expressão. Nesse sentido, há de se considerar que “a postura adotada pelo professor, também é de grande importância para decisão pela prática ou não da Educação Física escolar” (Merida, 2006, p. 15), podendo incluir ou afastar seus alunos e suas alunas de suas aulas.



Em adição a este debate reflexivo, Figueiredo (2008) discute sobre o sentimento de incapacidade motora para realizar os gestos técnicos inerentes daquela prática esportiva, que por vezes é a única estratégia didática, como comentado anteriormente.

Nesse entendimento, Darido (2004, p. 62) relata que:

O que observamos nas aulas de Educação Física é que apenas uma parcela dos(as) alunos(as), em geral, os mais habilidosos, estão efetivamente engajados nas atividades propostas pelos(as) professores(as). Esses, por seu lado, ainda influenciados pela perspectiva esportivista, continuam a valorizar apenas os(as) alunos(as) que apresentam maior nível de habilidade, o que acaba afastando os que mais necessitam de estímulos para a atividade física.

Ao ampliarmos essa reflexão sobre o afastamento discente à uma perspectiva sociocultural, podemos encontrar estudos que mostram sentimentos e atitudes despertados pelas experiências anteriores com a Educação Física na escola. Bellúcio et al. (2021, p. 196) relatam que “é notável nas escolas públicas um considerável desinteresse dos alunos de Educação Física, esse fator é de aspecto interno e também externo, os aspectos sociais e culturais também são responsáveis pela evasão desses alunos”. Ainda conforme os autores, esses aspectos geradores de afastamento podem ter surgido diante de experiências vivenciadas anteriormente, no qual podem vir a ser marcadas por medo.

Rochael (2020) analisa, através de um recorte de gênero, o que denominou de “fenômeno da arquibancada”, procurando identificar os reais motivos que levavam as meninas a escolherem a arquibancada durante as aulas de EF. Os resultados constituíram três categorias, sendo a pedagógica, relacionada à didática do professor e à metodologia dos conteúdos, a estrutural, às questões de infraestrutura do ambiente escolar e a comportamental, caracterizada pela violência, medo, inabilidade/erro técnico-esportiva e vergonha do corpo. Ao atentarmos para os aspectos socioculturais sob o olhar feminino, evidenciam-se inter-relações comportamentais que merecem uma reflexão crítico-científica.

Corroborando com essa análise sociocultural sobre o afastamento discente, Jaco, (2012, p. 104) afirma que “o meio cultural no qual estavam inseridos/as possibilitou experiências e entendimentos distintos para cada um/a sobre os saberes que circulam nas aulas de Educação Física”, denotando que os conhecimentos corporais adquiridos fora do contexto da escola impactam diretamente na participação discente nas aulas de Educação Física, produzindo legitimação dos saberes do/no mundo. Dessa forma, é de suma importância que as aulas de Educação Física se tornem também um local de ressignificação



dos conhecimentos corporais produzidos nas experiências anteriores com a EF escolar e em relação contextualizada com o mundo.

O estudo de Oliveira e Daolio (2014), faz uma análise sobre a participação discente nas aulas de EF, propondo que o entendimento sobre exclusão/afastamento discente pode, na verdade, ser enxergado como diferentes formas de participação e apropriação da aula. Classificou seu grupo de alunos e alunas participantes do estudo em três “pedacinhos”. O “pedacinho ativo” referiu-se àqueles/àqueles que sempre estão dispostos a qualquer prática corporal, o “pedacinho (im)praticante”, foi caracterizado pelo grupo com baixa participação ou comodismo em não participar da aula e “pedacinho flutuante”, representou a zona intermediária entre os dois pedacinhos anteriores. Neste estudo, discutiu-se a organização discente nestes pedacinhos permeada por estereótipos, preconceitos e desigualdades de oportunidades.

Fomentando a reflexão sobre o afastamento discente nas aulas de Educação Física, Souza (2024) conceitua o termo “evasão presencial” como o:

Termo que utilizo para mencionar o afastamento deliberado destes(as) estudantes nas aulas práticas propostas por seus(suas) professores(as), transformando estudantes em corpos presentes, porém, não ocupante se/ou exploradores dos espaços onde as práticas corporais ocorrem (quadras, pátios, campos etc.), naturalizando, assim, a cultura da não participação nas aulas por estes(as) estudantes (Souza, 2024, p.13).

Nas contribuições que a autora desenvolve, relaciona a “evasão presencial” com a tematização da EF escolar, determinada pelas experiências vivenciadas (ou não) nas aulas, o *bullying*, onde o distanciamento das aulas ocorre por um corpo que foi exposto a situações de humilhação e/ou agressividade e opressões de gênero e sexualidade, caracterizado pelo desrespeito às diversidades.

Portanto, diante dos estudos apresentados, podemos identificar a multiplicidade de razões que se relacionam com o afastamento discente nas aulas de Educação Física escolar, bem como evidenciar que os estudos mais atuais se direcionam para as inferências socioculturais em conexão a essas (des)motivações, que acabam por legitimar alguns significados construídos social e culturalmente, no qual, são carregados de valores que não cabem dentro do ambiente escolar contemporâneo, exigindo uma prática pedagógica inclusiva e atraente a todas as interseccionalidades.



INTERSECCIONALIDADES NA EDUCAÇÃO E NA EDUCAÇÃO FÍSICA

O ambiente escolar é um espaço que possibilita inúmeras relações sociais, permitindo que, especialmente, crianças e jovens vivenciem a normalização das complexidades sociais na sua rotina diária. Em seus escritos, Vago (2009) relata que a escola é um lugar de múltiplas formas de identificação, assumindo uma responsabilidade social com a comunidade que está em seu entorno.

Eidelwein e Silveira (2023) comentam que a escola é um lugar privilegiado de observação e estudo das relações e dos processos sociais onde, a partir das práticas pedagógicas e das relações estabelecidas, pode levar a superação dos preconceitos ou a reprodução das opressões.

Nessa perspectiva, Louro (2014) aponta para a necessidade de desconfiarmos das práticas escolares cotidianas que exercitam o que é tido como natural, ressaltando a linguagem como um mecanismo de naturalização das desigualdades. Para ela “[...] a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças” (Louro, 2014, p. 69).

Desta forma, Eidelwein e Silveira (2023, p. 95) complementam que:

A falta de consideração pelas particularidades individuais de cada estudante pode ser enfrentada por meio da introdução de estratégias específicas no currículo, voltadas para o desenvolvimento do letramento na questão da interseccionalidade. Por exemplo, programas de capacitação continuada para professores, abordando temas como diversidade, inclusão e equidade, podem contribuir significativamente para a construção de um ambiente educacional mais acolhedor e consciente. Além disso, a adoção de práticas pedagógicas que promovam a discussão e a compreensão das diversas formas de discriminação pode ser incorporada ao cotidiano escolar. Estas ações não apenas abordariam as lacunas identificadas, mas também fomentariam a promoção de um ambiente educacional mais inclusivo e respeitoso.

Conforme Pereira (2021), o termo interseccionalidade surgiu em 1989, através da jurista estadunidense Kimberlé Crenshaw, como crítica do feminismo negro, no qual a abordagem se dava pelos marcadores de raça e gênero como mecanismos para desvalorização da identidade social.

Fortalecendo essa caracterização conceitual:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta



analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Collins; Bilge, 2021, p. 16-17).

Nesse constructo analítico sobre as interseccionalidades na educação, não se pode desconsiderar as contribuições de Paulo Freire em seu livro *Pedagogia do Oprimido* (2019), escrito pela primeira vez em 1972, o qual utilizou o termo *oprimido* para traduzir as diversas desigualdades sociais intimamente associadas às relações de poder que abocanha no processo educativo na escola.

Sob uma ótica ao ensino da Educação Física, as diferenças de gênero sempre foram normalizadas, separando meninos e meninas das atividades educativas, justificado pelo cunho biológico, construindo uma concepção de corpos, capacidades físicas, habilidades motoras e demais limitações ou potencialidades, a partir desse marcador social (Jaco, 2012).

Essa construção histórica no que diz respeito a fragilização do sexo feminino em relação ao sexo masculino coloca a mulher em uma posição de inferioridade na sociedade, no qual reverbera em várias esferas sócio democráticas.

O interessante é que se instaura, assim, um sistema de controle que vai posicionar o gênero feminino em condição de inferioridade e, apesar desse sistema se apresentar de um modo tão ostensivo, parecendo hoje caricatural, ele vai redistribuir-se ao longo do tempo, conservando, mais ou menos, os mesmos fundamentos. A diferença reside no fato de que as modalidades de inferiorização do feminino, a superexposição de sua suposta fraqueza e a sobredeterminação de suas práticas serão, progressivamente, dissimuladas ao olhar (Gleyse; Soares, 2008, p. 141).

Na escola, outras relações interseccionais estão potencialmente ativas. Costa (2025) relata que o racismo é uma realidade presente nas mais variadas esferas da sociedade e a escola não está livre ou imune a essa característica social, onde os alunos negros são afetados diretamente por essa situação, mesmo que o racismo seja aparentemente imperceptível, criando barreiras educacionais e impedindo que os alunos e as alunas negras avancem academicamente.

Sim, um chama o outro de preto, macaco, mulherzinha, falam que as meninas não sabem fazer nada, são fracas, etc. [...]. Vejo essa questão como sendo um pouco complicada de fazer os alunos entenderem, na maioria das vezes eu paro a aula, faço uma roda de conversa, pergunto se



é certo tal atitude, porque, faço eles dialogarem e discutirem a respeito, mas mesmo assim às vezes parece que isso não adianta. (Corsino, 2015, p. 255).

Para Corsino (2024), historicamente, o direito e o acesso as práticas corporais têm sido negadas e/ou dificultadas as pessoas negras. Venâncio e Nobrega (2020, p. 9) corroboram com essa afirmação, ressaltando que:

As mulheres negras, ao lado dos homens negros, aparecem no processo histórico da educação física esporadicamente, como exceções. Ora para justificar o desempenho em determinada modalidade esportiva, ora para reforçar situações de superação e de esforço individual fora do contexto das conquistas coletivas e da representatividade da mulher negra na educação física brasileira.

O estudo de Bonetto e Gonçalves (2022) aborda o *bullying* gordofóbicos na Educação Física escolar sob a perspectiva dos professores, evidenciando que praticamente 84% destes docentes já identificaram a presença deste tipo de violência nas aulas. Essas dinâmicas e estereótipos corporais diante de uma prática educativa que se utiliza do corpo como ferramenta pedagógica, podem ser potencializadas ou não, dependendo dos percursos crítico-reflexivos que possam ser estabelecidos nas aulas de EF.

Sob um olhar interseccional, observamos que em nossa sociedade patriarcal, o julgamento sobre a aparência da mulher demarca inúmeras formas de violência que já se iniciam na educação infantil através da tentativa de inserção desta menina nos padrões de beleza considerados ideais. Esta observação assume uma proporção ainda maior quando os níveis de obesidade na mulher avançam, levando-a a olhares de repulsa, falta de acessibilidade e até perda de oportunidades no emprego, algo não comumente visto em relação aos homens (Bonetto; Gonçalves, 2022).

Nessa reflexão, Bonetto e Gonçalves (2022, p. 13) ressaltam que nas escolas, o olhar para a pessoa gorda ainda se ancora em uma perspectiva biológica relacionando-a as doenças degenerativas, entretanto, não se pode deixar de levar em consideração os aspectos sociais, econômicos e culturais, fazendo-se necessário desconstruir a narrativa simplista relacionada exclusivamente aos maus hábitos de vida deste indivíduo.

Outro fator observado nas aulas de EF escolar se dá na forma em que as pessoas menosprezam, umas às outras, quanto a sua habilidade (ou não) de realizar com eficácia determinadas tarefas. Tenorio e Silva (2015) discutem que a hierarquização de alguns conteúdos em detrimentos da vasta gama de temáticas a respeito das temáticas corporais, tendem a excluir os alunos e as alunas que possuem menos habilidade motora.



Nesse sentido, Darido e Rangel (2005) comentam que a ênfase na dimensão procedimental do conteúdo pode excluir/autoexcluir os alunos e as alunas, considerados pela turma ou em sua autopercepção, menos habilidosos, mas se o processo de ensino se firmar nas dimensões conceituais e atitudinais do conteúdo, a falta de habilidade não desencoraja ou exclui nenhum aluno/aluna. Desta forma, a adoção multidimensional de conteúdos diversificados como lutas, ginásticas, danças, jogos cooperativos e outros esportes além de futebol, vôlei e basquete, oportunizam o desenvolvimento de diferentes habilidades motoras e capacidades físicas, permitindo que diferentes alunos possam se identificar com as atividades.

Alguns estudos já vêm discutindo a (in)habilidade motora sob a ótica interseccional. Altmann, Ayoub e Amaral (2011) contrapõem a concepção de uma maior habilidade motora masculina em relação a feminina nas aulas de EF, evidenciando que, embora seja um motivo para conflitos em turmas mistas, o trabalho coeducativo contribui para a reflexão sobre essas concepções estereotipadas. Schönardie et al. (2023) discutem o desinteresse pelo futebol/futsal das meninas menos habilidosas e a resistência dos meninos em jogar com as meninas, um fenômeno também evidenciado nos professores/as que contribuem para que as normas sociais de gênero e habilidade motora sejam corporizadas.

As dinâmicas crítico-analíticas das relações interseccionais dentro do contexto escolar visam estabelecer um diálogo com todas as possibilidades que envolvam alguma situação ou condição utilizada para subjugar algumas classes em detrimento de outras. Diante disso, torna-se inadiável pensarmos em uma educação que tenha as relações interseccionais inseridas em sua rotina pedagógica. Uma vez que:

A perspectiva da interseccionalidade pode contribuir com a formação de professores, ao possibilitar reflexões críticas sobre as situações complexas de opressão e subalternização que ocorrem no cotidiano escolar e que muitas vezes são invisibilizadas e naturalizadas, havendo, por vezes, falta de um referencial teórico-metodológico que os auxilie nessa empreitada (Eidelwein; Silveira, 2023, p. 92).

Há de se considerar que a discussão sobre as interseccionalidades ainda são recentes, especialmente no ambiente escolar, logo, esse entendimento não acontece instantaneamente, torna-se uma construção cotidiana de bons hábitos educativos que podem vir a minimizar essas desigualdades. É importante que a comunidade escolar compreenda e assuma comportamentos de equidade e respeito, procurando contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária.



A RELAÇÃO ENTRE O AFASTAMENTO DISCENTE E AS INTERSECCIONALIDADES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Assim como a escola, a Educação Física está imersa na sua cultura local e social, reproduzindo aspectos e características desta sociedade e expondo alguns símbolos e significados sociais. Sousa e Altmann (1999) afirmam que os adolescentes são indivíduos com uma vasta bagagem de ensinamentos apreendidos fora do contexto escolar, absorvidos através da televisão, da família, de grupo de amigos, entre outras interações sociais que podem ser impregnadas ou não de preconceitos.

Esses preconceitos se manifestam nas aulas de Educação Física em diversos momentos e formas, gerando marcas profundamente negativas nestes adolescentes, podendo motivar o afastamento discente e/ou a evasão escolar. A exemplo do preconceito racial, Gomes (2003, p.176) comenta:

Mas nem todos sabem se defender dos xingamentos preconceituosos. As experiências de preconceito racial vividas na escola, que envolvem o corpo, o cabelo e a estética, ficam guardadas na memória do sujeito. Mesmo depois de adultos, quando adquirem maturidade e consciência racial que lhes permitem superar a introjeção do preconceito, as marcas do racismo continuam povoando a sua memória.

Sob olhar do marcador social de gênero, temos que:

Ao analisarmos o percentual de satisfação em relação ao sexo, percebemos respectivamente que 90,9% dos jovens do sexo masculino e 69,9% do sexo feminino apresentam satisfação com a disciplina. Esse resultado indica que a educação física ainda é um espaço predominantemente de socialização e sociabilidade masculina na escola, mesmo com toda intervenção cultural que busca a igualação de oportunidades entre homens e mulheres em todos os setores sociais (Brandolin; Koslinski; Soares, 2015, p. 605).

Martins (2022) corrobora com essa análise pontuando que a participação discente não ocorre de forma homogênea entre os gêneros nas aulas de EF escolar, onde, impregnadas de fatores discriminatórios como força e habilidade motora, tecem “uma trama de exclusões e negociações que interferem no acesso à participação nas aulas” (Martins, 2022, p. 2).

Nesse contexto, somam-se as relações de corpo a essa trama de exclusão nas aulas de EF, por vezes, em cumplicidade com a prática pedagógica docente, fortalecendo e legitimando esses comportamentos discriminatórios:



Terminada essa preliminar, era hora do abate: para os meninos, obrigatoriamente, futebol; já para as meninas, vôlei, queimada ou dança. Não havia concessões: meninos brasileiros jogam e gostam de futebol. É masculino, viril e macho querer ser um novo Fenômeno ou um Cafu. Como sempre fui gordo e avesso aos exercícios físicos, dois caminhos se abriam para mim: para o meu alívio, o banco de reservas, pois era sempre o último a ser escolhido; ou, quando jogava a contragosto, o time visivelmente insatisfeito e a professora sempre tácita, como cúmplices, me atiravam ao gol para levar sucessivas e pesadas boladas contra meu corpo (Silva; Nicolino, 2020, p. 4).

Neste constructo discursivo-analítico, Oliveira e Daolio (2014) descrevem que as participações discentes nas aulas de Educação Física são representadas por grupos denominados de “pedacinhos”, no qual a participação do público feminino pode ser estar relacionada ao “pedacinho impraticante”:

A primeira consideração a ser feita em relação a esse ‘pedacinho’ (pedacinho impraticante) é que se trata do único exclusivamente feminino, o que não nos causou tanta surpresa, na medida em que a tradição da prática esportiva moderna, frequentemente associada à masculinidade, sempre limitou o acesso às mulheres.[...] Dessa forma, adotavam, como espaço físico privilegiado de convivência nas aulas de EF, a arquibancada e os arredores da quadra, que compunham a referência espacial do ‘pedacinho’ (im)praticante (Oliveira; Daolio, 2014, p. 243).

Ora, se ao analisarmos marcadores sociais isoladamente identificamos motivações para o afastamento discente nas aulas de Educação Física escolar, como se comportaria essa categoria frente as relações interseccionais? Nesta análise, faz-se imperativo a compreensão de que não se trata da soma e nem da hierarquização dessas opressões, mas do cruzamento entre elas, juntas e inseparáveis (Cortes; Pereira, 2024).

Alguns estudos, embora não utilizassem o termo interseccionalidade, já anunciavam uma análise interseccional das práticas pedagógicas nas aulas de Educação Física. Altmann; Ayoub; Amaral (2011) já discutiam a relação entre o gênero e categorias como a habilidade, idade, raça e classe social. Dornelles (2007, p. 95) acrescenta que “[...] é importante marcar que o corpo é, sempre, resultado provisório e inacabado. Atravessado e constituído por categorias sociais como classe, geração, raça/etnia, gênero e sexualidade, pode ser significado de diversas formas”.

Assim, pretende-se assumir a interseccionalidade como uma potente ferramenta analítica capaz de contribuir com a compreensão das relações sociais constituídas por seus



diversos marcadores de opressão e desigualdade e com efetivação de uma “práxis que remete a uma intencionalidade pedagógica no campo e nas práticas curriculares da educação física escolar” (Corsino et al., 2024, p. 2).

Conforme Filippini e Frizzo (2021), na Educação física, as formas de segregação como também de opressão de algumas categorias sociais, se apresentam de forma diversa e recorrente e que podem ser manifestadas tanto na escola como fora dela no esporte de alto rendimento com discursos retrógrados e conservadores como “a mulher que joga futebol é lésbica” ou “homens que fazem ballet são gays” como também, “negros se dão bem nas corridas pois estão acostumados a fugir da polícia”.

Em adição, Martins (2022) comenta que as situações relacionas ao racismo e ao sexíssimo podem interagir entre si contribuindo para exclusões de maneira significativa no esporte, pois, as formas de opressão vivenciadas por uma mulher negra são diferentes das experienciadas por um homem negro.

Segundo Collins e Bilge (2021), alguns esportes como futebol estabelecem uma forte relação de poder embora estejam/sejam representados pela diversidade social, composta por diferentes raças, classes, gêneros, etnias, faixas etárias e capacidades físicas e motoras interseccionadas.

A ênfase da interseccionalidade na desigualdade social parece muito distante da popularidade global desse esporte. No entanto, o uso da interseccionalidade como ferramenta analítica para examinar a Copa do Mundo da Fifa mostra como as relações de poder de raça, gênero, classe, nação e sexualidade organizam esse esporte em particular, assim como os esportes de maneira mais ampla. As nações ricas do Norte global e as nações pobres do Sul global oferecem estruturas de oportunidades diferentes para que a juventude frequente a escola, tenha acesso a emprego e pratique esportes, estruturas de oportunidades que privilegiam as nações da Europa e da América do Norte e prejudicam os países do Caribe, da África Continental, do Oriente Médio e alguns países asiáticos e latino-americanos (Collins; Bilge, 2021, p. 21).

Essa análise sociocultural nos leva a conceber as relações de poder que se estabelecem pelas interseccionalidades no esporte e nos sinaliza para as possíveis relações de poder que já se manifestam na escola, inferindo sobre os comportamentos dos/das escolares, sentimentos e atitudes, podendo incluir ou excluir sua participação nas aulas.

Não obstante, pode-se perceber que os modelos discriminatórios e consequentemente, as relações de poder que se estabelecem nas aulas de EF, embora possam existir em um marcador social em específico, transitam em diferentes categorias



sociais e em diferentes momentos durante as aulas, expressos por ofensas como: preto, macaco, mulherzinha e em relatos que relacionam as meninas a fraqueza e a inabilidade física e/ou motora (Corsino, 2013).

Corsino (2014) comenta que algumas alunas podem se apropriar intencionalmente da estratégia de ir para as aulas com roupas inadequadas para se afastar das práticas pedagógicas em que se sentem excluídos/excluídas. Silva e Nicolino (2020, p. 4) compartilham o relato: “Confesso que cansei de chorar escondido nos banheiros do colégio após as aulas de Educação Física”.

Essas intencionalidades manifestadas pelos alunos e pelas alunas expressam a necessidade imperativa de práticas pedagógicas que discutam e reflitam sobre as diversidades e as suas interseccionalidades sob a perspectiva da equidade e da justiça social, valorizando a participação ativa de todos/todas os alunos e as alunas, sob o risco do agravamento ou da normalização desses modelos discriminatórios no ambiente escolar.

Vale ressaltar que, cabe não somente ao professor de Educação Física, mas a toda a comunidade escolar se apropriar de práticas educativas sob a perspectiva da interseccionalidade assumindo a intencionalidade pedagógica necessária que oportunize um processo de ensino e aprendizagem equitativo, contribuindo para que os alunos e as alunas não precisem se afastar das aulas por encontrar um ambiente hostil, em um local que deveria lhes proporcionar segurança e liberdade para serem quem são.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise teórica empreendida neste ensaio permitiu evidenciar que o afastamento discente nas aulas de Educação Física escolar não pode ser compreendido de forma descontextualizada ou reduzido a explicações simplistas, como falta de interesse dos estudantes ou inadequação de conteúdos. Ao contrário, trata-se de um fenômeno atravessado por múltiplas dimensões sociais, culturais e históricas, que se manifestam de maneira interseccional no cotidiano escolar.

A literatura analisada, ainda que com diferentes enfoques e metodologias, aponta que a Educação Física, historicamente marcada por práticas normativas, padronizações corporais e discursos meritocráticos, muitas vezes reforça desigualdades e contribui para processos de exclusão simbólica e material. Nesse sentido, as interseccionalidades oferecem um aporte teórico potente para compreender as razões que levam determinados sujeitos, especialmente aqueles que fogem dos padrões hegemônicos, a se afastarem da disciplina.



Ressalta-se, no entanto, que apesar dos avanços nos estudos que buscam denunciar e problematizar essas dinâmicas, ainda são necessários investimentos em práticas pedagógicas efetivamente inclusivas, que considerem as especificidades dos corpos e das trajetórias dos estudantes. A Educação Física escolar precisa ser pensada a partir de uma perspectiva crítica, que rompa com modelos universalizantes e promova o reconhecimento da diversidade como um valor educativo.

Por fim, este ensaio não tem a pretensão de esgotar o tema, mas sim de contribuir para o debate, tensionando os discursos e práticas que ainda sustentam exclusões sutis e persistentes no interior da escola. Espera-se que este trabalho possa fomentar reflexões e inspirar novas pesquisas e ações comprometidas com uma Educação Física mais democrática, plural e sensível às múltiplas interseccionalidades que compõem o tecido social escolar.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina Franco. Gênero na prática docente em educação física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar"? **Revista Estudos Feministas**, v. 19, p. 491-501, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/p8cj4Xpntfdhx4ncS8ZLJwj/abstract/?lang=pt>.
- ARAÚJO, Eveline de Assis Melo; MELO, Rogério Zaim de; RIZZO, Deyvid Tenner de Souza. A autoexclusão de alunos durante as aulas de Educação Física do 9º ano de duas escolas da rede municipal de ensino do município de Corumbá/MS. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v. 18, n. 02, p. 7-14, 2019. Disponível em: <https://share.google/sTsFG8IBENIAbWixw>.
- BAGNARA, Ivan Carlos; BOSCATTO, Juliano Daniel. Multidimensionalidade dos conhecimentos: uma proposição para o ensino da Educação Física. **Movimento**, v. 28, p. e28060, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/wzMjHnqH85kTF4kBVVvk3rr/?format=html&lang=pt>.
- BELLÚCIO, Vitor; NASCIMENTO, Diego Soares; SILVA, Wesley Alves; DEL PIEIRO, Tiago. Evasão dos Alunos nas Aulas de Educação Física: As Possíveis Explicações para Esse "Fenômeno". **Facit Business and Technology Journal**, v. 1, n. 23, p. 195-207, 2021. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RDF/article/view/697/4966>.
- BONETTO, Pedro Xavier Russo; GONÇALVES, Brenda Chagas. Bullying gordofóbico na educação física escolar: a perspectiva dos/as professores/as. **Temas em Educação Física Escolar**, v. 7, n. 1, 2022. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/3179>.
- BRANDOLIN, Fábio; KOSLINSKI, Mariane Campelo; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. A percepção dos alunos sobre a educação física no ensino médio. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 26, n. 4, p. 601, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/refuem/a/KQdF88SbmKQ5xhtK3Hr4p3B/?lang=pt>.



COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

CORSINO, Luciano Nascimento; AUAD, Daniela. Relações raciais e de gênero: a educação física escolar na perspectiva da alquimia das categorias sociais. **Educ. Teoria Prática**, p. 57-75, 2014. Disponível em:

<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/7671>.

CORSINO, L. N. Raça, gênero e a lei 10.639/03 no âmbito da educação física escolar: percepções docentes. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 1, n. 2, p. 247-62, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/riae.2015.14187>.

CORSINO, Luciano Nascimento et al. Educação física escolar e interseccionalidades: da coeducação ao antirracismo na experiência mimética com a juventude. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 46, 2024. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbce/a/QTTnx4D3Y77Lftp6KvVpvn/?lang=pt>.

COSTA, Adriana Ramos da et al. A interseccionalidade no ambiente escolar: gênero, raça e deficiência em foco. **Aracê**, v. 7, n. 5, p. 21185-21201, 2025. Disponível em:

<https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/4792>

DARIDO, Suraya Cristina. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 18, n. 1, p. 61-80, 2004. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rbefe/article/view/16551>.

DARIDO, Suraya Cristina; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; GINCIENE, Guy. O afastamento e a indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física escolar. In: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; DEL-MASSO, Maria Candida Soares. **Desafios da educação física escolar**: temáticas da formação em serviço no ProEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 105-129. Disponível em:

<https://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/381384>.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. (Coord.) **Educação física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

CORTES, Suelen Gonçalves de Oliveira; PEREIRA, Mateus Camargo. Rumos da pesquisa brasileira em educação física escolar e a interseccionalidade.

Corpoconsciência, p. e17944, 2024. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/17944>.

DORNELLES, Priscila Gomes. **Distintos destinos?** A separação entre meninos e meninas na educação física escolar na perspectiva de gênero. 2007. 156f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2007.

EIDELWEIN, Monica Pagel; SILVEIRA, Gabriel Eidelwein. Cena escolar na perspectiva da interseccionalidade: contribuições para a formação de professores e suas práticas.

Revista de Estudos Interdisciplinares, v. 5, n. 7, p. 83-98, 2023. Disponível em:

<https://revistas.ceeinter.com.br/revistadeestudosinterdisciplinar/article/view/913>.

FIGUEIREDO, Zenólia. Christina Campos. Experiências sócio corporais e formação



docente em educação física. **Movimento**, v. 14, n. 1, p. 85, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/movimento/article/view/2395>.

FILIPPINI, Isabella; FRIZZO, Giovanni. Cultura corporal no combate às opressões. In: FRIZZO, Giovanni; CORRÊA, Marluce Raquel Decian. **Educação Física e os enfrentamentos às opressões**. Pelotas: UFPel, 2021, p. 9-33.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido** (recurso eletrônico). 84. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

ROCHAEL, Carolina Mezzetti de Freitas. **O fenômeno arquibancada: análise do afastamento das meninas nas aulas de Educação Física do Ensino Médio em uma escola na rede estadual de Minas Gerais**. 2020. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física Escolar) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

GLEYSE, Jacques; SOARES, Carmen Lúcia. Os manuais escolares franceses de educação física, de higiene e de moral seriam sexistas? (1880-2004). **Educação e Sociedade**, v. 29, n. 102, p. 137-156, jan./abr. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/b9PJCxv5kvPDcDNPyDWBZVd/abstract/?lang=pt>

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 167-182, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/sGzxY8WTnyQQQbwjG5nSQpK/abstract/?lang=pt>.

JACO, Juliana Fagundes. **Educação física escolar e gênero: diferentes maneiras de participar das aulas**. 2012. 120 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP.

LOURO, Guaciara Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARTINS, Mariana Zuaneti; VASQUEZ, Vitor Lacerda; MION, Maria Paula Louzada. Associações entre gênero, classe e raça e participação nas aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 27, p. 1-8, 2022. Disponível em: <https://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/14986>.

MERIDA, Marcos et al. Educação física no ensino médio: motivos que levam as alunas a não gostarem de participar das aulas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 5, n. 2, 2006. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1288>.

NASCIMENTO, Joanilson Kélis do. **Planejamento participativo: uma possibilidade para superação do afastamento dos estudantes das práticas corporais nas aulas de educação física**. 2020. 182f.

OLIVEIRA, Rogério Cruz de; DAOLIO, Jocimar. Na "periferia" da quadra: educação física, cultura e sociabilidade na escola. **Pro-Posições**, v. 25, p. 237-254, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/KTfXL5n8C48zRXBXymhs8MK/abstract/?lang=pt>.



PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. Sobre usos e possibilidades da interseccionalidade. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 21, n. 3, p. 445-454, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/h7rvGvv5gNPpkm7MjMG6D5c/?lang=pt>.

SCHÖNARDIE, Marina Gomes et al. “Não torço pra nenhum time, não sei as regras e se me convidam pra jogar eu não jogo”: a relação das meninas menos habilidosas com o conteúdo futebol/futsal nas aulas de Educação Física. **Motrivivência**, v. 35, n. 66, p. 1-17, 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/368484245_Nao_torco_pra_nenhum_time_nao_sei_as_regras_e_se_me_convidam_pra_jogar_eu_nao_jogo_a_relacao_das_meninas_menos_habilidosas_com_o_conteudo_futebol_futsal_nas_aulas_de_Educacao_Fisica.

SILVA, Marco Aurélio Alves e; NICOLINO, Aline. Sobre lágrimas, corpos e silêncios pedagógicos: transitando entre Educação Física escolar, sexualidades e gênero. **Educación Física y Ciencia**, v. 22, n. 4, p. e147, 2020. Disponível em: <https://share.google/tzbosFv3GPdBz36RP>.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, v. 19, p. 52-68, 1999. Disponível em: <https://share.google/H8ScrJD0xvj4P0d9F>.

SOUZA, Olga da Silva. “**Evasão Presencial**” nas aulas de Educação Física: percorrendo caminhos através de narrativas. 2024. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, São Carlos, 2024.

TENÓRIO, Jederson Garbin.; SILVA, Cinthia. Lopes da. O desinteresse dos estudantes pelas aulas de educação física em uma escola de ensino público do estado de Mato Grosso. **SALUSVITA**, v. 34, n. 1, p. 27-44, 2015. Disponível em: https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/salusvita/salusvita_v34_n1_2015_art_02.pdf.

VAGO, Tarcísio Mauro. Pensar a educação física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <http://www.rbce.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/930>.

VENÂNCIO, Luciana.; NOBREGA, Carolina Cristina dos Santos. (Org.). **Mulheres negras professoras de educação física**. Curitiba: CRV, 2020.

Artigo recebido em: 29 de novembro de 2025

Aceito para publicação em: 05 de janeiro de 2026

Manuscript received on: November 29th, 2025

Accepted for publication on: January 05th, 2026

Endereço para contato: Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Educação/FACED, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campus Universitário, Manaus, CEP: 69067-005, Manaus/AM, Brasil

